

UTOPIA

e eugenia,
c. 1870-1900*

Gregory Claeys
University of London

Embora a Guerra Sul-Africana (1899-1902) tivesse ensombrado as esperanças de que o novo século auspiciasse uma continuação dos triunfos do anterior, os Ingleses não perderam o entusiasmo noutros domínios. É da forma como este contraste de esperança e medo se actualiza no pensamento utópico que este artigo primordialmente se ocupa. Já por volta de 1890 tinha começado a vingar um certo pessimismo cultural, desespero até, que associamos à consciência de um *fin de siècle*. Com frequência, tal envolvia menosprezar a muito louvada "civilização" como um escasso avanço sobre o barbarismo (por exemplo, no ensaio de Havelock Ellis em torno da noção de civilização, *The 19th Century: A Dialogue in Utopia* [1900: 20]). Alguns radicais celebravam, então, o primitivo, por oposição ao civilizado (por exemplo, nas obras de Edward Carpenter).¹ Na literatura utópica britânica a rejeição da civilização industrial é representada preponderantemente pela denúncia de *Looking Backward* (1889) de Edward Bellamy por William Morris em *News from Nowhere* (1890). Mas no alvor do novo século esta consciência tanto das ameaças como dos feitos do século XIX encontrou uma outra forma de expressão utópica num encontro com o Darwinismo Social, o Neo-Malthusianismo e a promessa de aperfeiçoamento científico da população humana de acordo com um entendimento iluminado dos princípios da selecção natural dos finais do século XIX.

* Tradução de Sofia de Melo Araújo; revisão de Jorge Miguel Bastos da Silva.

Esta combinação de expectativa positiva e desconforto era reconhecida na literatura utópica e profética (lidas aqui como parte de um mesmo género) principalmente no respeitante ao tópico da eugenia ou do melhoramento biológico racional e consciente da população humana.² Olhando em diante podemos ver como, na senda de *A Modern Utopia* (1905) de H. G. Wells, *Brave New World* (1932) de Aldous Huxley veio representar a quinta-essência da distopia eugénica da primeira metade do século XX. Mas devemos ter em mente que, antes dos programas de esterilização e eutanásia projectados para extirpar os tipos sociais e raciais "inferiores" serem implementados, a eugenia não tinha, em si, uma conotação tipicamente, e muito menos tragicamente, negativa. Pelo contrário, como veremos, as visões do futuro do início do século XX assumiam tipicamente que uma qualquer forma de desenvolvimento biológico planeado tinha sido uma das principais descobertas do século anterior, a implementação do qual caberia aos cientistas e intelectuais do próximo século. Derrotada por Malthus em 1798, a perfectibilidade virava agora as armas do seu inimigo contra ele. O Neo-Malthusianismo, a eugenia e a utopia, longe de casualmente ligados, estavam agora tematicamente unidos como nunca antes, ou, pelo menos, como nunca desde Esparta. E esta aliança era, em certa medida, tanto natural como inevitável, no sentido em que a procura utópica da perfectibilidade frequentemente envolvia esquemas para o desenvolvimento biológico das espécies, ao mesmo tempo que a eugenia, por sua vez, era essencialmente uma variante do pensamento utópico, como veremos.

Assim, antes de mais, relembremos sucintamente como a "eugenia" se originou e desenvolveu. No rescaldo de *The Origin of Species* (1859) de Darwin, temeu-se que, longe de atingir o nível de génio colectivo por muitos associado à Grécia Clássica (*vide* Lankester, 1880), a espécie humana, ou partes dela, teria começado a degenerar, em especial pelos efeitos negativos da industrialização e da urbanização (*vide*, por exemplo, Morgan,

1866). Em certa medida as classes altas eram implicadas nesses medos, através da endogamia e dos habituais desregramento e ociosidade que os tornavam incapazes de exercer a liderança social.³ Isto oferecia uma oportunidade de intervenção radical através do ideal de reprodução selectiva. Mas o objecto da renovada investigação foram principalmente os estratos sociais mais baixos, há muito fustigados pelos malthusianos por causa das suas famílias numerosas. O problema começou por ser, em parte, militar. A deficiente qualidade dos recrutas oriundos das zonas fabris era notada desde a Guerra da Crimeia mas pela altura da Guerra dos Bóeres tinha assumido proporções de escândalo nacional.⁴ Em 1904 um Comité Parlamentar chegou a reunir-se para debater o problema da "deterioração física". Ao mesmo tempo, exprimiam-se crescentes receios de que os poucos ricos e inteligentes fossem submergidos pela proliferação dos pobres ociosos e ignorantes. Por volta de 1880 as propostas eram, assim, habituais, quer para limitar os casamentos dos pobres, exigindo os meios essenciais para o sustento das crianças (o que se aproxima da posição de J. S. Mill, uma geração antes), quer para evitar (através, por exemplo, da esterilização) a proliferação de descendência doente (*vide* White, 1895: 31). Após *The Descent of Man* (1871) de Darwin, o tema da degeneração passou a ser geralmente concebido em termos de "sobrevivência do mais apto" e da possibilidade de guiar a evolução humana na senda da perfeição, ou pelo menos do anular dos seus mais destrutivos excessos. Mas para os conservadores isto significava impedir a intervenção estatal no processo natural da ceifa dos "inaptos", o que representava evitar caridade desnecessária. O principal proponente de uma estratégia evolucionista orientada e consciente foi um primo de Darwin, Francis Galton, o fundador da eugenia.

As ideias eugenísticas foram primeiramente sugeridas por Galton em conjugação com o seu estudo *Hereditary Genius* (1869), uma avaliação pioneira (mesmo que, por vezes, espantosamente amadora)⁵ da excelência e do renome em termos da

transmissão de caracteres desejáveis, na qual, sem espanto, transpareciam fortes relações entre a prática de profissões conceituadas (direito, política, medicina, literatura e mesmo remadores) e laços familiares.⁶ Galton ficou também muito consternado ao descobrir que as famílias de homens eminentes, como os Pares do Reino, tendiam à decadência, mesmo ao ponto de desaparecimento. Ao avaliar o "valor comparativo das diferentes raças", Galton oferece uma comparação directa da "raça negra" e da raça "anglo-saxónica" que, mais uma vez sem surpresa, é pouco benevolente com a primeira.⁷ No entanto, os Escoceses das terras baixas são considerados ligeiramente acima do Inglês médio, enquanto "a raça mais hábil da qual a História apresenta testemunho é inquestionavelmente a do Grego Antigo, em parte porque as suas obras-primas nos principais campos da actividade intelectual não foram ainda ultrapassadas e estão em muitos aspectos por igualar, e em parte porque, em termos de proporcionalidade e probabilidade, a população que viu nascer os criadores dessas obras-primas era muito reduzida" (Galton, 1869: 340).⁸ A Europa nunca produziu pares para Sócrates ou para o escultor Fídias, lamenta Galton. Mas, no entanto, também a Grécia sofreu a decadência, vítima de lassidão dos costumes, de mulheres inférteis, de emigração e imigração.

O termo "eugenia" (do grego "de boa cepa" ou "profundamente dotado de qualidades nobres") foi cunhado por Francis Galton nos seus *Inquiries into the Human Faculty* (1883) (Galton, 1907: 17), eles mesmos provocados por uma curiosidade acerca das diferentes propensões mentais das diferentes raças (Pearson, 1914, vol.2: 88). Denominava para Galton "a ciência que lida com todas as influências que desenvolvem as qualidades inatas de uma raça; e também com as que favorecem o seu máximo desenvolvimento, que ele também entendia como tornando "cada indivíduo eficiente quer por natureza, quer por educação" (Galton, 1909: 35; Pearson, 1914, vol. 3A: 92). No plano moral, Galton esperava conseguir desenvolver

um "sentimento de casta" entre os "naturalmente dotados" (mas também noutros grupos sociais) e obter para eles algum tipo de "influência e favorecimento sociais moderados, incluindo um sistema de registo nacional de pessoas notáveis" (Galton, 1873: 123). Pensava ele que a casta dos dotados acabaria "naturalmente por se estabelecer em associações cooperativas pelo país" (*idem*, 128) (e aqui vemos uma dimensão utópica mais tradicional já presente na eugenia). Enquanto ciência aplicada "incutida na consciência nacional como uma nova religião", a "Eugenia Nacional" representava "o estudo de agentes sob controlo social que podem melhorar ou prejudicar as qualidades raciais das futuras gerações, seja física, seja mentalmente" (Galton, 1909: 42). Através da aceitação de reformas práticas tais como a segregação de criminosos reincidentes, o impedimento do casamento dos débeis de espírito (de notar que por meio de um sistema nacional de certificados eugénicos) e o evitar da "caridade indiscriminada", incluindo a assistência ao domicílio, Galton esperava promover, nas três áreas da compleição física, das capacidades intelectuais e do carácter, "maior vigor, maior capacidade e maior determinação no alcançar de objectivos. (...) O tom geral da vida doméstica, social e política seria mais elevado. A raça como um todo seria menos tonta, menos frívola, menos excitável e politicamente mais providente do que neste momento" (*idem*, 37-38). A lição era clara: a perda de força, de vontade, de apetência para trabalhar, a boémia, a dissolução, a complacência, prenunciavam o fim da civilização. E em nenhuma parte era isto tão provável de acontecer como onde a humanidade sofria os efeitos das grandes cidades: "O grande perigo para as civilizações adiantadas, e marcadamente para a nossa, é o esvaziamento das áreas rurais para suprir as necessidades dos grandes centros. Aqueles que vêm para a cidade podem até ter famílias numerosas, mas há fortes razões para crer que estas diminuem nas gerações seguintes. Resumindo, as cidades esterilizam o vigor rural" (*idem*, 227). E Galton temia que "uma parte considerável da

população já se tenha tornado portadora dos germes da degenerescência" (Galton, 1909a). Assim sendo, politicamente, a eugenia exigia intervenção estatal substancial no interesse do desenvolvimento da espécie humana a longo prazo, em particular no tocante ao casamento.⁹ Mais ainda do que a mais abrangente corrente de pensamento a que chamamos *Darwinismo Social*, que tende amiúde mas erroneamente a ser ligado apenas ao *laissez-faire*, as suas implicações eram intrinsecamente colectivistas. Para o principal discípulo de Galton, Karl Pearson, necessariamente, a eugenia ligava-se assim estreitamente ao socialismo, que era capaz de reconhecer "que o progresso social tem dependido de uma organização da sociedade que exerce pouco controle sobre a luta individual pela sobrevivência dentro do grupo", que o socialismo faria o uso mais eficiente dos recursos existentes e que "o desejo de Darwin de que os membros superiores, e não os inferiores, de um grupo fossem os pais do futuro é bem mais realizável num estado socialista do que num estado individualista" (Pearson, 1897, vol.1: 111, 138).¹⁰ Em teoria, compreendia pois várias componentes utópicas significativas nos seus pressupostos: era comunitário, colectivista e perfeccionista.

Consideremos agora, de forma resumida, como estes ideais foram retomados e remodelados numa série de trabalhos proféticos e utopias literárias escritos entre 1875 e 1905. Entre os escritos que avaliavam os sucessos e os fracassos do século XIX por um lado e a promessa do século XX por outro, olharemos primeiramente aos trabalhos de cariz profético e depois à ficção utópica. Podemos não atentar aqui na abrangente corrente de pensamento, que provavelmente caracterizaria as expectativas da maioria, de que as descobertas e invenções do século precedente, que tanto tinham feito para subir o nível de vida, para reduzir as mortes prematuras e dilatar a esperança de vida, iriam simplesmente continuar pelo novo século adiante, regidas pelas constantes operações das leis do "progresso". Indiscutivelmente, o século fora como nenhum outro; a vida

humana mudara tão fundamentalmente, as suas descobertas foram de um carácter tão excepcional que apenas poderia ser comparado, como diz A. R. Wallace, não com o século anterior, "ou sequer com o último milénio, mas com todo o período histórico — talvez mesmo com todo o período que decorreu desde a Idade da Pedra" (Wallace, 1898: 2).

Estes ideais tomaram corpo na Grande Exposição de Paris de 1900 no Grand Palais, onde as maravilhas da técnica assumiram o primeiro plano. Obras como *The 19th Century: A Review of Progress* (1901), uma colectânea de ensaios de escritores eminentes, sumariam de forma adequada e de acordo com uma visão *Whig* da História o progresso do Constitucionalismo liberal, da literatura, dos transportes e das invenções em geral, até da ciência da guerra, particularmente quando vistos a partir do cada vez mais popular ponto de vista americano (*vide* Sedgwick *et al.*, 1901). (Isto, claro, ignorando a enchente de críticas utópicas, popularistas, bellamistas e socialistas surgidas nos Estados Unidos no período entre 1880 e 1914.) Na Europa, tal complacência autoconfiante era simplesmente negada pelas circunstâncias: a produção do aço, a electricidade e a promessa de transporte aéreo e submarino podiam ser direccionados para fins menos edificantes que o aperfeiçoamento do bem-estar da humanidade. Similarmente, muitos trabalhos socialistas que antecipavam o século vindouro também presumiam o sucesso do programa socialista, reconhecendo, ao mesmo tempo, discordâncias substanciais acerca dos meios pelos quais haveria de ser obtido. Assim, *Forecasts of the Coming Century* (The Labour Press, 1897), entre cujos colaboradores se encontravam A. R. Wallace, Edward Carpenter, William Morris e Bernard Shaw, antecipou a criação de colónias no campo para os desempregados; o dia de trabalho de oito horas e um salário mínimo; a extensão dos direitos femininos, da educação e dos ideais estéticos, ao mesmo tempo que reconhecia que as principais divisões da época, entre estatistas e anarquistas, tinham as suas raízes não na sua visão última de

uma "sociedade não governamentalizada" (como Carpenter pôs a questão), "mas no quanto de *voluntário* e não forçado ela tem" (Carpenter *et al.*, 1897: 191). A avaliação dos últimos cem anos do próprio Carpenter, *The Wonderful Century* (1898), é uma combinação destes temas, louvando progressos na geologia, na física, na evolução, na fisiologia, na química, na maquinaria, ao mesmo tempo que lamenta o crescente militarismo enquanto "a luta pela sobrevivência se torna mais feroz que nunca" (Wallace, 1898: 337).

I. Obras Proféticas

Que os escritores utópicos e proféticos estivessem mais apreensivos que a maioria dos Ingleses quanto ao curso do desenvolvimento social é característico de um género que, desde o início do século XVIII, se sentia estruturalmente inquieto quanto à modernidade, crítico dos efeitos da economia de mercado e da industrialização, do crescimento das grandes cidades, do escoar das populações das áreas rurais e do aumento da pobreza que parece endémica na sociedade mercantil. Consideraremos aqui dois escritores proféticos, H. G. Wells e Jane Clapperton, para cuja visão da modernidade, no virar do século, a eugenia era central.

O mais conhecido trabalho deste tipo é, obviamente, *Anticipations* (1902) de H. G. Wells, que foi um marco da própria carreira do escritor. Depois de uma série de sátiras e projecções distópicas das tendências modernas com grande sucesso — *The Time Machine* (1895), *The Island of Doctor Moreau* (1896), *The Invisible Man* (1897), *When the Sleeper Wakes* (1899), *The First Men in the Moon* (1901) —, Wells começou então a oferecer uma visão positiva do futuro, mais conhecida através do seu *A Modern Utopia* (1905), que culminaria em apelos ao estabelecimento de um estado-mundo no qual se concentraria a maior parte da sua escrita mais séria durante o resto da sua vida.

Anticipations of the Reaction of Mechanical and Scientific Progress upon Human Life (dando o título completo) antecipa, assim, uma mudança crucial no próprio pensamento de Wells. A História moderna é, para Wells, guiada a vapor: a revolução dos transportes deu azo ao "crescimento das nossas grandes cidades, ao rápido povoamento da América, à entrada da China no campo da política europeia", entre outras coisas. As duas maiores mudanças físicas do novo século dar-se-iam, como tal, nos âmbitos dos transportes e da expansão urbana. As principais mudanças sociais que as acompanhariam seriam a expansão da classe "detentora de acções" (tomando o lugar dos proprietários de terras), à custa das classes médias, e o crescimento de uma massa de trabalhadores sem património, com algumas classes profissionais ou "peritos" a residir nos subúrbios, sem criados e dependendo (pelo ano de 2000, pensava Wells) de maquinaria que poupasse tempo de trabalho. As famílias seriam menores e cada vez haveria mais casamentos sem filhos, sendo o divórcio, os segundos casamentos e as relações pessoais flexíveis muito mais comuns. Politicamente, a democracia espalhar-se-ia, mas seria cada vez mais dominada pelas "máquinas" partidárias ao estilo americano, com a opinião pública a ser cada vez mais ditada por jornais apostados na manipulação emocional e não no fornecimento de informação. A "hora dos líderes individuais passou" (Wells, [s/d]: 172), substituída em resultado dos avanços científicos e bélicos (especialmente a guerra aérea), assim como a democracia ela mesma será inevitavelmente substituída por um estado-mundo no qual a posição de cada nação dependerá do seu desenvolvimento de populações qualificadas. Num passo notável, Wells aponta dois adversários ao progresso genuíno, "o povo do abismo" e os "ricos incompetentes":

A nação que produza no futuro próximo o maior desenvolvimento proporcional de engenheiros e agrónomos inteligentes e instruídos, de médicos, professores, soldados profissionais e pessoas intelectualmente activas de todos os tipos; a nação

que mais resolutamente seleccione, eduque, esterilize, exporte ou envenene o seu Povo do Abismo; a nação que mais subtilmente tenha sucesso a vigiar o jogo e a decadência moral de mulheres e lares que o jogo inevitavelmente despoleta; a nação que através de sábias intervenções, impostos sucessórios e afins, tenha êxito em expropriar e extinguir famílias ricas incompetentes deixando livres as ambições individuais; a nação, numa palavra, que torne a maior porção da sua adipsidade irresponsável em músculo social, será certamente a nação mais poderosa na guerra como na paz, a nação ascendente ou dominante antes do ano 2000. (Wells, 1902: 212)

Wells entrelaça todos estes aspectos no capítulo VIII, "The Larger Synthesis", que sumaria a tendência do progresso mecânico e científico para não fazer caso de "particularidades" locais, sobretudo através da amálgama em centros de poder locais, sejam eles anglo-saxónicos, pan-germânicos, pan-eslavos, latinos ou "amarelos". O regionalismo tenderia assim a desaparecer, com as línguas menores (com o inglês a tornar-se provavelmente a língua dominante). Os Estados Unidos, tendo assumido o ascendente naval e comercial que era dos Ingleses, tornar-se-iam um poderoso centro político-económico da emergente "Nova República". A Rússia ficaria isolada, uma "Irlanda mais vasta" (*idem*, 250). O Império Alemão sucumbiria a guerras por mar e terra e, inexoravelmente, "[o] esplêndido sonho de uma Europa Federal que abriu o século XIX na França poderá, enfim, aproximar-se da concretização no dealbar do século XXI" (*idem*, 259). No plano económico, grandes *trusts* monopolistas (em especial nos Estados Unidos) tornar-se-iam cada vez mais os modelos, quer de produção, quer de serviço público, com as Forças Armadas, as universidades e os negócios a descobrir um propósito comum e os "Novos Republicanos" a distinguirem-se cada vez mais dos "detentores de acções, dos especuladores parasíticos e das multidões desgraçadas do Abismo" (*idem*, 278).

A grande criação do século XX seria então a "Nova República". Paralelo à sua criação seria o destino dos "elemen-

tos rejeitados” da raça branca, tal como da negra, da indiana e da amarela. Durante muitas décadas “o seu desenvolvimento estará larga ou inteiramente fora de qualquer controlo humano” (*idem*, 280). Para Wells, o século XIX começou e foi dominado pelo *Essay on Population* (1798) de Malthus, o trabalho que iria, por sua vez, ser o precursor da síntese intelectual do século XX e que fora continuado por Darwin, cujo *Origin of Species* minou finalmente as bases de todas as formas tradicionais de crença cristã. Homens dotados de vontade e objectivos preencheriam este vazio com o ideal “de uma luta de existências para se expandirem e desenvolverem até à sua perfeição e para se propagarem e multiplicarem” (*idem*, 296). O objectivo da vida é, assim, esta criação evolutiva deliberada de espécies superiores possuídas de uma paixão pela ordem e pela eficiência, intollerantes ao caos, ansiosas por criar “um estado-mundo de seres humanos activos mais amplos, cheios de conhecimento e energia, livres de muitas das suas baixeiras e limitações, dos sofrimentos e afrontas desnecessários do mundo desordenado de hoje” (*idem*, 298). A criação de crianças que herdariam desordens mentais ou físicas transmissíveis tornar-se-ia abominável. Elementos marginais tais como “os ocupantes mestiços, negros ou amarelos” (*idem*, 305) seriam mantidos em constante migração para desencorajar a procriação; na realidade, cerca de metade da população seria “proibida de efectuar ou persuadida a evitar a reprodução” (*idem*, 307), com uma consequente melhoria no tipo médio. Ainda assim, as “raças”¹¹ não devem ser interpretadas enquanto *raças*, definidas pela pigmentação, mas como indivíduos; e para Wells a extinção dos advogados caucasianos era mais provável do que a dos Judeus enquanto raça. Não obstante, “as novas necessidades de eficiência” são rigorosas, como o é a sentença de Wells de que é o destino daqueles que “falharem em desenvolver personalidades sãs, vigorosas e distintivas para o grande mundo do futuro (...) ir morrendo e desaparecer” (*idem*, 317). E é com esta nota severa que acaba *Anticipations*.

Deve-se notar que, pouco tempo após, Wells ofereceu uma perspectiva mais céptica quanto à eugenia, sustentando em *Mankind in the Making* (1903) que, enquanto que o "problema de fornecimento de natalidade" permanecia crucial, não era "nada claro que aspectos valorizar e quais recusar na procriação" (1903: 4). Contrastando a ênfase de Victoria Woodhull Martin na eliminação dos incapazes com o realce dado por Galton às qualidades reprodutivas dos aptos, Wells ecoou a visão de Graham Wallas de que o Estado não deveria "levar a cabo qualquer sistema positivo de reprodução selectiva no estado actual do nosso conhecimento", e concluía, em tom de aviso, dizendo que "Eu apenas posso reiterar a minha convicção de que, nesta matéria, nada realmente eficaz pode ser organizado até termos ideias muito mais claras que as actuais e de que não cabe a um organismo público dedicado à educação impor o celibato, subsidiar famílias ou fazer qualquer tipo de experiências nesta área" (*idem*, 66). É conhecido o modo como, em *A Modern Utopia* (1905), Wells explorou a noção de "nobreza voluntária", os *Samurai* platónicos, que governam o estado e fazem votos de auto-contenção mas que, contudo, sendo aconselhados a casar entre iguais, são especificamente descritos como "classes não hereditárias, nem havendo sequer qualquer tentativa de desenvolver uma classe através de procriação especial, simplesmente porque os intrincados processos da hereditariedade são insondáveis e incalculáveis" (Wells, [s/d]: 184). No entanto, Wells também reconheceu que "[n]ão pode haver dúvidas de que estas limitações matrimoniais tendem a tornar os *samurai* uma espécie de classe hereditária. Os seus filhos, por regra, tornam-se *samurai*. Mas esta não é uma casta exclusiva" (*idem*, 207). Contudo a tendência da casta é de crescer com relação ao total da população. Além disso, Wells, em *A Modern Utopia*, é mordaz quanto ao facto de que "os seguidores sociais e políticos de Darwin caíram num óbvio equívoco entre raça e nacionalidade, e na armadilha natural da presunção patriótica" que engendrara "uma espécie de delírio sobre

raça e luta racial" que ilibava o massacre de africanos pelos Belgas no Congo e de chineses pelos Europeus na Rebelião Boxer (*idem*, 227-228). Renegando qualquer ideal de "pureza" rática, Wells declarou-se a si mesmo "tendente a desvalorizar todos os juízos adversos e todas as afirmações de diferenças insuperáveis entre raças". A sociedade não deverá produzir "tipos inferiores", mas qualquer utopia moderna alimentaria, albergaria e empregaria os pobres decentemente (incluindo emprego garantido pelo Estado, quando necessário) por um salário mínimo razoável. Os lunáticos e os atingidos por "certas doenças sujas e transmissíveis não seriam mortos (embora crianças deformadas pudessem sê-lo) e os criminosos reincidentes seriam isolados em ilhas-prisão (*idem*, 94-101). Mas a raça não é preponderante na aplicação destas regras e, céptico quanto à existência de uma "raça consumadamente inferior", Wells em 1905 estava a uma distância considerável das posições assumidas em *Anticipations*, embora a eugenia continuasse a ser essencial no seu pensamento.

A socióloga pioneira Jane Hume Clapperton, autora de *Scientific Meliorism and the Evolution of Happiness* (1885) e *A Vision of the Future* (1904), é outra pensadora social de cunho profético digna de nota. Em *Scientific Meliorism*, Clapperton defende, na senda de Mill, Spencer e outros, que com a aplicação da teoria evolucionista à sociedade deveria ser possível evitar os piores excessos da "sobrevivência do mais apto", nomeadamente a pobreza, o trabalho infantil e a competição excessiva. Usando Galton, Malthus e Darwin, Clapperton defende medidas de controle artificial da reprodução, de tipo "neo-malthusiano", e uma ênfase espartana na importância de criar crianças saudáveis como "o único método possível pelo qual a sociedade pode atingir as fundações das suas misérias" (Clapperton, 1885: 95). Em combinação com a libertação das mulheres, uma luta contra o convencionalismo, experimentação social (num eco de *On Liberty* de Mill) em linhas cooperativas e comunitaristas, rumo a um crescente comunismo, indi-

cando que a evolução podia conscientemente dirigir-se para a união, mesmo para a partilha de responsabilidades na esfera doméstica, e para uma política superior. Clapperton acompanha a preocupação de Galton quanto ao declínio das "raças brancas" mas rejeita a noção de que o celibato voluntário, interferindo na natural paixão amorosa, poderia ajudar à "regeneração rácica", preferindo em vez disso "o controlo artificial da natalidade" (*idem*, 338).

Apesar de *A Vision of the Future* cobrir basicamente a mesma problemática, os interesses fisiológicos de Clapperton recebem agora ainda maior importância. A sua visão económica é agora mais claramente neo-liberal e fabiana, embora o "aperfeiçoamento científico" seja contrário, por princípio, ao *laisser-faire*.¹² Mas o Socialismo é agora claramente visto como um resultado natural da simpatia que permite a supressão da velha lei da "sobrevivência do mais apto", apesar de a filantropia "tender a baixar o nível sanitário geral e a uma gradual *degradação da raça* através da selecção dos incapazes e do poder da transmissão hereditária" (Clapperton, 1904: 83). O problema populacional permanece por resolver mas "passos enormes" foram dados desde 1884 na aceitação da hereditariedade e da noção, contra Darwin, de que o controlo populacional não impedia os efeitos benéficos da selecção natural. A defesa do celibato feita por Galton é de novo condenada pela sua interferência na felicidade humana. Clapperton é agora mais ousada quanto ao casamento, sugerindo que o sistema naire de casamento complexo poderia ser melhor do que a monogamia europeia. Na "evolução consciente as funções sexuais já não são vistas como essencialmente ligadas à propagação" (*idem*, 333), embora hábitos dissolutos sejam de evitar. A "visão" de Clapperton, assim, envolve uma substancial transformação da esfera doméstica, como aspecto de reforma social, e uma "evolução consciente" na direcção do mais alto estágio ético de justiça e igualdade. No entanto, a reforma não é para ser aplicada por igual a todas as classes:

Nos estratos sociais mais baixos, nos quais qualquer reconstrução da vida familiar não é ainda possível, o que é imediatamente necessário é uma subida gradual dos salários com melhoria consistente de todas as condições do trabalho industrial. A sociedade deve também renunciar a qualquer tipo de auxílio aos pobres que leve ao seu crescimento demasiado rápido, mine a sua auto-suficiência e tenda geralmente para a deterioração da raça. A responsabilidade paternal deve ser fortemente inculcada e rigorosamente exigida. Deve haver ensino público de todas as leis naturais que afectam a sociedade, especialmente as de saúde, crescimento e hereditariedade; e, sob condições respeitadas da dignidade humana, a doutrina malthusiana deve ser ensinada e um conhecimento do método neo-malthusiano muito cuidadosamente divulgado. (*idem*, 332)

Em última análise, "a sociedade não terá distinções de classe da ordem presente, nem ociosos, nem parasitas, nem pobres, nem governos coercivos" (*idem*, 339). O velho sonho de socialistas e liberais, a abolição do trabalho não produtivo e do parasitismo social, seria finalmente concretizado.

II. Ficção Utópica

A atracção dos visionários sociais pela eugenia não só encontrou eco como se tornaria virtualmente central para os escritores de ficção utópica. Uma análise breve de algumas utopias literárias escritas no último quartel do século XIX torna imediatamente claro que Wells, enquanto utopista, se limitava a continuar uma tendência bem estabelecida na década de 90 do século XIX e que o ideal eugénico, já integrado no utopismo como resultado das práticas espartanas descritas por Plutarco, se tornara agora central para o pensamento utópico, particularmente depois do aparecimento de *The Descent of Man* (1871) de Darwin. A união de socialismo e eugenia, mais conhecida através de *A Modern Utopia* (1905), já estava bem encaminhada um quarto de século antes.

Já desde 1875, em *Pyra: A Commune; or, Under the Ice* de E. J. Davis, no qual uma sociedade é descoberta debaixo de um glaciar suíço onde há igualdade perfeita, amor fraternal e visão comunitária de propriedade e crianças, que a ficção utópica é usada como veículo para asseverar que "[t]udo aquilo que tem existência obedece a uma lei. (...) Essa lei é chamada por vós a lei da selecção natural ou da sobrevivência do mais capaz" (Davis, 1875: 106). O corolário deste princípio é a eugenia:

O que é que o negligenciar da obediência a esta lei da natureza vos trouxe a vós e à vossa raça uma e outra vez? A decadência de todos os sistemas de civilização, não fruto de imoralidade, ou de luxúria, ou de imperfeição numa forma de governo, mas porque um sistema que preserva e reproduz o que a natureza requer que seja exterminado e destruído torna-se incapaz de auto-subsistência e, cedo ou tarde, desaparece perante uma criação mais saudável. E qual é a moral a aprender? Qual é o conhecimento que retiramos de um estudo das leis da natureza e da sua aplicação em nós na vida diária? Destruímos o mal à nascença, antes de poder tomar forma. Exterminamos todas as formas de vida excepto as que são naturais, saudáveis e presumivelmente capazes de crescer aptas a tomar o seu lugar na nossa comunidade em pé de igualdade com os semelhantes, e de exercer as suas faculdades para o bem-estar individual e geral. Não permitimos que crianças deformadas cresçam na miséria apenas para amaldiçoar o dia em que nasceram ou para criar outros que eventualmente viverão apenas para sua própria miséria/desgraça e dos que os rodeiam. (*ibidem*)

Estes temas são também fulcrais em *Three Hundred Years Hence* (1881) de William Hay, que trata o grave problema de sobrepopulação do fim do século XIX como produzindo uma guerra cataclísmica entre as raças. Aqui a raça caucasiana, que "a Natureza seleccionou para governar e povoar o globo", enfrenta certas raças inferiores cujo declínio é natural (os Índios americanos, por exemplo) mas também outras, particularmente os Mongóis e os Negros, que são prolíficos. Os últimos, contudo, "são manifestamente incapazes de ascender a

um posto alto na escala social. A sua faculdade racional situa-se a um nível infinitamente mais baixo que a do homem branco e nem séculos de contacto e educação bastaram para a expandir sensivelmente" (Hay, 1881: 226). Crucial aqui era o problema dos Chineses, cuja "esfera de utilidade na economia da Natureza" era dúbia, sendo a "Raça Amarela" "meros animais antropóides". Assim, "[a] unidade da humanidade era obstruída por duas dificuldades imprevistas, confrontada com a questão: "O que há a fazer com os Chineses e os Negros?" Era essa a questão do momento". Uma guerra rática começa e leva a que "Mongóis e Negros, as Raças Inferiores, se tornem inteiramente coisas do passado", com as suas terras a serem ocupadas pelos brancos (*idem*, 248-57).¹³

No ano seguinte, 1882, Anthony Trollope faz girar o seu *The Fixed Period* em torno do ideal de terminar a vida aos sessenta e cinco anos de idade por forma a libertar para os mais produtivos recursos que são escassos. Passado numa colónia britânica chamada Britannula em 1980, o romance introduz a noção de "um período fixo" ou eutanásia aos 65 anos, para salvar gastos de cerca de £50 por ano por cada pessoa que parte (Trollope, 1882, vol.1: 8), assim como para evitar "a imbecilidade, a fraqueza, o descontentamento e a extravagância da velhice" (*idem*, 177). Os bebés são tatuados com a sua data de nascimento e os idosos são depositados numa necrópole. Embora uma rebelião na cidade principal, Gladstonopolis, suscite a intervenção de uma canhoneira britânica (o "John Bright") para derrubar o sistema, na conclusão o narrador insiste ainda no seu valor.

Uma rebelião semelhante desafia o regime socialista descrito em *The Inner House* (1888) de Walter Besant, obra na qual as descobertas científicas pararam o processo de decadência natural e o crime, enquanto a dor e a ansiedade foram abolidos. O inventor propõe limitar os benefícios da ciência sem deixar de admitir "os estropiados, os criminosos, os pobres, os imbecis, os incompetentes, os estúpidos e os frívolos – esses vive-

riam as suas vidas pelo tempo designado e morreriam", de forma a que "[s]eria para o sal da terra, para a flor da humanidade, para os homens fortes de intelecto e dotados acima do rebanho, que a Ciência reservaria este dom precioso" (Besant, 1888: 24). No entanto, ele recua nesta ideia, concedendo que as mulheres belas e os hedonistas diletantes também poderiam ser incluídos.

Temas eugenísticos, tratados satiricamente, são também centrais em *What Will Mrs Grundy Say? Or, A Calamity on Two Legs (A Book for Men)* (1891) de Michael Rustoff, no qual "enquanto as grosseiras classes trabalhadoras se multiplicavam como coelhos numa lura, começou a ser notório que as famílias de linhagem estavam gradualmente a morrer, a ser varridas e submergidas pelas vastas multidões dos filhos das classes baixas". Um Gabinete Matrimonial do Estado é, então, montado para regular casamentos e criar uma nova classe de nobreza:

Atenção especial foi dada à mistura adequada de características familiares; por exemplo, aqueles que tinham grandes guerreiros entre os seus antepassados eram emparelhados com os que se tinham distinguido nas artes da paz; descendentes de famosos filósofos e livres-pensadores eram casados com a descendência de religiosos eminentes; os cientistas misturavam o seu sangue com poetas, e os artistas com matemáticos. As peculiaridades de aparência física eram cuidadosamente observadas e os casamentos combinados de acordo. Por este processo de selecção sexual inteligente ao longo de vários séculos, conseguimos finalmente gerar uma raça de nobres absolutamente sem par no universo.

Para as classes baixas as normas são ainda mais severas: ninguém pode casar sem uma licença, "não apenas especificando com quem é que deseja casar, mas quantas crianças podem ter. O número de licenças é estritamente regulado pelas exigências nacionais; ninguém pode casar até provar a sua capacidade de sustentar a sua mulher e filhos". Os que desobedecerem são banidos para comunidades distantes onde os sexos

estão separados; assim, "os mais rudes elementos da nossa vida nacional são devidamente mantidos em refreio e subordinação, e mesmo as nossas classes mais baixas estão pelo menos três níveis acima na escala de civilização do que quando começámos com os nossos arranjos matrimoniais" (Rustoff, 1891: 47-49). Finalmente, a idade máxima para as mulheres é fixada nos 40 anos e para os homens nos 55, e posta em prática através de eutanásia voluntária, por forma a evitar a predominância política e social dos velhos sobre os jovens. (A família real, os eclesiásticos e os generais são os primeiros objectos desta política.)

Em *Meda* (1892) de Kenneth Follingsby, o narrador do ano 5575 descobre uma terra chamada Scotonia. Um ponto-chave desta obra é a sobrepopulação do mundo nos fins do século XIX como resultado de nascimentos indiscriminados. Tendo o advento da democracia produzido governantes estúpidos, a Grã-Bretanha tornou-se uma república; mas, após uma guerra civil, a monarquia foi re-estabelecida e foi introduzida uma qualificação educacional para o direito de voto. Em 3334 a Grã-Bretanha uniu-se aos Estados Unidos, que viram que a democracia era uma fraude e quiseram um rei. O casamento dá-se agora de acordo com a igualdade de educação, não se autorizando nunca mais de quatro filhos. Pessoas "acossadas por doenças" não podem casar e é-nos dito que "pela estrita adesão a esta lei da selecção, verificamos que a descendência de intelectuais é mais susceptível de desenvolver um poder intelectual superior" (Follingsby, 1892: 142).

Fulcral a esta discussão deve ser a nunca publicada utopia do próprio Francis Galton, *The Eugenic College of Kantsaywhere*, escrita em Maio ou Junho de 1910, o ano anterior à sua morte. Em *Kantsaywhere*, Galton desenvolve a noção de um despotismo científico benevolente no qual o direito à reprodução é regulado pela oligarquia no poder, que encoraja nascimentos nas classes instruídas e dirige o pensamento social para aspectos da "raça e não do indivíduo". Grande parte deste agora reduzido trabalho (a maior parte foi destruída pela sobrinha de Galton,

que se opunha ao seu retrato do amor e por isso censurou o texto) foca os detalhes do processo de exame, de averiguação de linhagem, de medição dos crânios, etc., prévios à obtenção do desejado "certificado eugénico" que autorizava a procriação. Aqueles que reprovam no exame, os não-classificados, são tratados com bondade desde que não tenham filhos; se tiverem, "a bondade é transformada em extrema severidade". Os "muito débeis" vivem em colónias de trabalho pouco onerosas, como celibatários. Quando crianças defeituosas nascem de pais normais, não são destruídas mas não se podem reproduzir. Aqueles que não conseguem passar no exame eugénico são tratados como "indesejáveis enquanto indivíduos e perigosos à comunidade, pela quase certeza de que irão propagar a sua espécie se não vigiados. São sujeitos a vigilância (e importunação se) [quando] se recusem a emigrar". Verificar a inaptidão é, de facto, uma ciência exacta:

Há muitos graus de inaptidão previsível, dos descendentes dos imbecis, insanos e mentalmente débeis, no ponto mais baixo da escala (de mérito cívico), a quem é peremptoriamente proibido ter descendência — quer seja através de segregação forçada, quer de outras medidas drásticas —, até à inaptidão moderada esperada na descendência de pais que estão apenas um pouco abaixo da média em termos de valor eugénico. Os métodos de penalização, tomados por ordem da sua severidade, são desaprovação social, multa, excomunhão como por boicote, deportação e segregação perpétua.

Curiosamente, Galton não parecia ver estas ideias como demasiado rebuscadas ou distantes das da sua época. Sugere que "a limitação de famílias é agora uma instituição reconhecida entre as pessoas cultivadas e muitos dos pertencentes às classes artesã e operária (na Europa e na América), e que não há qualquer razão para que uma lei exigindo-a para a protecção da nação não deva ser aprovada e a infracção dessa lei punida como um acto criminoso". Igualmente interessante é que *raça*, toma-

da ontologicamente, não pareça ser uma categoria central para a inclusão ou a exclusão. Na realidade, Galton usa o termo, como na expressão "uma raça superior de homens", no sentido de espécie, muito na linha do que Darwin fizera em *Origin of Species* e da forma como era usado nas discussões em volta da Comissão referente à Deterioração da Raça Britânica de 1909.¹⁴ Tão-pouco os questionários que propõe para a introdução do esquema do certificado eugénico, concebidos por volta de 1906, abordam o tópico da raça (*vide* Pearson, 1914, vol. 3A: 292-295).

Os temas da eugenia também aparecem intermitentemente (embora como elementos centrais da política de Estado) numa série de outros trabalhos utópicos deste período. Em *New Amazonia: A Foretaste of the Future* (1889) da Sra. George Corbett, que descreve uma sociedade onde as mulheres predominam, "nenhuma criança aleijada ou deformada pode viver"; "[u]m certificado médico de sanidade tinha de ser obtido antes de alguém ser autorizado a casar e, acima de tudo, o Estado estava determinado a manter apenas sujeitos saudáveis" (Corbett, 1888: 46). Em *Beyond the Ice: Being a Story of the Newly Discovered Region Round the North Pole* (1894) de G. Read Murphy, paralelamente, um gabinete matrimonial lista detalhes de todos os nubentes elegíveis enquanto que aqueles com doenças graves são proibidos de casar. >>

Em *The Valley Council or Leaves from the Journal of Thomas Bateman of Canbelego Station, N.S.W.* (1891) de Percy Clarke, o direito a casar é determinado por médicos. Em *The World Grown Young* (1892) de William Herbert, é aos criminosos profissionais que se proíbe o casamento. Em *Life in Utopia* (1890) de John Petzler, o casamento é igualmente proibido àqueles que padecem de doenças incuráveis como tuberculose, escrofulose e cancro, embora as famílias sejam geralmente grandes. Em *Kalomera: The Story of a Remarkable Community* (1911) de W. J. Saunders, as crianças deformadas são mortas à nascença, embora a população em geral não saiba desta política por medo de que minasse os seus sentimentos de humanidade; ao mesmo tempo,

pessoas com visão, audição e mesmo dentição deficientes são proibidas de casar e até os seus parentes veementemente desencorajados de acasalar. Em *The Reign of the Saints* (1911) de John Trevena (Ernest George Henham), a população branca dos Estados Unidos sucumbiu a "inconstância, amor a comida não saudável, excitação, prazeres fantásticos, apreço pela velocidade e adoção do que era conhecido por vida extenuante", e os negros conquistaram o poder (embora o livro acabe com a conquista da Grã-Bretanha pelos Japoneses). *Backwards and Forwards* (1905), uma sátira ao socialismo, assume que "a raça vitoriosa no mundo, a anglo-saxónica, é e tem sido a mais humanitária"; e que os mais inteligentes "impedem a existência dos menos inteligentes" (Spring, 1905: 192-193). *The Yorl of the Northmen, or, The Fate of the English Race. Being the Romance of a Monarchical Utopia* (1892) ridiculariza "a nossa degenerescência física, a nossa feminilização física", e celebra "a resistência física dos nossos longínquos antepassados" (Armstrong, 1892: viii). *Depopulation: A Romance* (1899), de Henry Wright, inverte satiricamente o malthusianismo ao descrever uma Liga de Despovoamento criada pelas classes operárias por forma a reduzir os membros e assim aumentar os salários dos empregados.

Conclusão

O que nos dizem, então, a eugenia sobre a utopia e a utopia sobre a eugenia? A viragem utópica para a eugenia nas últimas décadas do século XIX é pouco surpreendente. Como Leonard Hobhouse notou em 1924, na época de J. S. Mill o carácter racial desempenhava um papel reduzido na apreciação do comportamento e das instituições nacionais, ao passo que "[d]esde o tempo de Mill a emergência de concepções biológicas mudou a situação e dispôs as pessoas a pensar que, enquanto outras diferenças são superficiais, os caracteres rácicos devem ser fundamentais" (Hobhouse, 1924: 124). O

Darwinismo criara uma nova imagem do futuro ao alongar o tempo humano dramaticamente e ao dirigir a atenção para o desenvolvimento das espécies. Era comumente tido como implicando que a desigualdade humana tinha raízes biológicas.¹⁵ Como defendemos noutra ocasião, enquanto que a ideia de competição entre nações e classes era há muito considerada nas teorizações político-sociais, a centralidade da raça marca a emergência do Darwinismo social, especialmente nas décadas de 1870 e 1880 (Claeys, 2000). Na última década do século, tais concepções tinham resultado num medo quase histérico do "Suicídio Racial", tanto na Europa como na América do Norte, e num endurecer das atitudes contra as raças não-"brancas" em particular, a quem era dito com severidade e com frequência cada vez maior que não tinham "*nenhum direito a ser selvagens*; Deus fê-los e a todos os homens para que progridam; eles devem melhorar ou extinguir-se", consistindo o melhoramento principalmente na inculcação de hábitos de aplicação, subordinação, regularidade e disciplina" (Greg, 1877: 122-123, 169).¹⁶ Ainda assim, a relação entre Darwinismo, eugenia e utopia é um aspecto curiosamente pouco explorado deste refazer dos ideais dominantes do carácter nacional britânico.¹⁷

Não devemos, no entanto, simplesmente associar "eugenia" a "racismo", uma vez que a eugenia nem sempre foi, em si, racista, antes se centrou muitas vezes em questões de género, classe e, ocasionalmente, idade. A viragem eugenística no utopismo esteve mais preocupada com a procriação interna nacional do que com a competição entre raças. Vemos aqui que, agora que o medo da degeneração causada pelo luxo e pelos vícios das grandes cidades, para os quais as utopias tinham frequentemente alertado, se tinha tornado tema de um debate nacional, o utopismo renovava preocupações com o controlo populacional, a regulamentação do casamento e a melhoria da saúde física e mental, e bem assim com a prevenção da degeneração do carácter, que foram constantes do género utópico desde o mundo antigo.

Nem é a eugenia algo meramente de "direita" ou "reacionário". Como vimos, certos socialistas adoptaram ideias eugenísticas com a mesma prontidão — de facto, talvez até com mais prontidão — que os conservadores extremos. É, claro, tentador, à luz do Holocausto, retratar o adoptar da eugenia como o passo que, por si só, nos leva da "utopia" à "distopia", da ética essencialmente beneficente e "progressista" do planeamento social ao pesadelo da mecanização da produção humana de *Brave New World* de Huxley. Mas esta é uma leitura errada por dois motivos. Em primeiro lugar, porque a eugenia estava largamente associada à liberdade de escolha sexual pelas mulheres, sobre quem pesava em último plano o encargo de escolher um companheiro apropriado, e assim (por exemplo, no elogio de Karl Pearson a uma "união sexual livre") era muitas vezes entendido como tendo um aspecto libertador, ao invés de regimentador. Em segundo lugar, havia, de facto, muitos elementos progressistas no debate pós-darwiniano que não apontavam para o Holocausto mas antes para um controlo demográfico racional, para a viabilidade de aborto e eutanásia voluntários, não coercivos, e para a reconstrução cibernética de partes doentes da anatomia humana. É neste sentido que a viragem eugenística do utopismo de finais do século XIX surge como uma sequência dos temas proeminentes da tradição como um todo. O controlo da população defeituosa tinha vindo a ser discutido sob a forma de utopia desde a *República* de Platão (inspirado pelo retrato de Esparta de Plutarco), na qual a máxima prioridade dos guardiões governantes é descrita como a manutenção da "pureza da raça" e o evitar da mistura de tipos (ouro-prata-latão-ferro), sendo as comunidades de mulheres e crianças um dos resultados, além da regulação estatal do casamento e da destruição de descendência inferior ou desaprovada (*República* 460c-461c). Lembremos que na *Utopia* de More os casais prometidos se vêem nus por forma a evitar os defeitos físicos. Entre escritores mais tardios, Fourier concebia para o futuro a mutação biológica dos humanos, enquanto Godwin

concebia a perfectibilidade como a conquista da morte. E na altura de que nos ocupamos, John Humphrey Noyes fazia experiências de estirpicultura na comunidade Oneida, entre 1869 e 1878, emparelhando os mais "robustos". Não foi, então, a adopção utópica da eugenia que produziu o Holocausto, mas uma classificação racial e uma atitude em relação à raça particulares que foram produtos de uma forma aberrante de Darwinismo Social, por sua vez gerador da aberrante utopia ariana do Nacional-Socialismo. <<

>>

NOTAS

[1] *Vide*, por exemplo, Edward Carpenter, *Civilisation: Its Cause and Cure*, que termina, citando A. R. Wallace, a lamentar que "este fracasso da nossa civilização – resultado sobretudo do nosso desleixo em treinar e desenvolver mais aprofundadamente os sentimentos benévolos e as faculdades morais da nossa natureza, e em conceder [aos povos incivilizados] uma maior parcela de influência na nossa legislação, no comércio e em toda a nossa organização social – nunca deteremos, enquanto comunidade, qualquer superioridade real ou significativa sobre a classe superior entre os selvagens" (1889: 299).

[2] Dois estudos de âmbito semelhante ao do presente são Paul Bloomfield (1949), "The Eugenics of the Utopians: The Utopia of the Eugenicists", *Eugenic Review* 40, pp. 191-198; e Patrick Parrinder (1997), "Eugenics and Utopia: Sexual Selection from Calton to Morris", *Utopian Studies* 8, pp. 1-12. Nenhum deles discute a selecção de textos explorada aqui.

[3] *Vide* o relato clássico em *Aristocracy and Evolution* (1898), de W.H. Mallock..

[4] De 11000 voluntários vindos de Manchester em seis meses, 8000 foram considerados inaptos para ser soldados (*vide* White, 1901: 102-3).

[5] Galton, por exemplo, comenta que "[a]o passar os olhos pelo livro [*Men of the Time*, a única fonte da sua análise do talento hereditário], fico surpreso ao verificar quão grande é a porção de "Homens do seu Tempo" que já passam da meia-idade" (1869: 8). Uma tentativa mais científica que sociológica de abordagem do mesmo ponto é *Natural Inheritance* (1889) de Galton.

[6] Compare-se com o esforço posterior de Havelock Ellis para chegar ao mesmo fim.

[7] O principal discípulo de Galton, Karl Pearson, chegou a sugerir que "com fundos

suficientes, poder ditatorial e longevidade do ditador, umas poucas gerações seriam suficientes para produzir uma raça de negros com pele branca, cabelo louro e olhos azuis" (1912: 8).

[8] W. R. Greg concordou que "os Atenienses fizeram a sua própria evolução de um povo rude e escassamente civilizado ao cume mais elevado a que uma nação alguma vez chegou – o ponto culminante da inteligência humana" (1872: 35). Mas os Gregos tinham-se tornado "nervosos e corruptos; e a fibra mais vigorosa, a vontade mais robusta e o inigualável génio político dos seus conquistadores romanos constituíam inegável superioridade. Triunfaram pela lei do mais forte – embora a sua força talvez não se situasse precisamente na porção mais nobre da natureza humana. Intellectualmente inferiores aos Gregos, que dominaram, eles eram moral e voluntariosamente mais vigorosos" (1872: 101).

[9] "Sempre que uma raça inferior é preservada em condições de vida que exigem um elevado grau de eficiência, deve ser sujeita a rigorosa selecção. Só alguns espécimes melhores dessa raça podem ser autorizados a ser pais, e poucos dos seus descendentes podem ser deixados viver. Por outro lado, se essa raça for substituída por uma raça superior, toda esta terrível miséria desaparece. A forma mais misericordiosa do que eu designei por "eugenia" consistiria em estar atento ao surgimento de espécies e raças superiores, e em favorecê-las de modo a que a sua descendência exceda e gradualmente substitua a antiga" (Galton, 1907: 199-200). "Há um preconceito, em grande parte bastante irrazoável, contra a extinção gradual de uma raça inferior. Apoia-se numa confusão entre a raça e o indivíduo, como se a destruição de uma raça fosse equivalente à destruição de um grande número de homens. Não se passa nada do género quando o processo de extinção se opera silenciosa e lentamente através do casamento precoce dos membros da raça superior, da sua maior vitalidade sob igual tensão, das suas melhores possibilidades de se sustentar ou da sua preponderância em casamentos mistos" (*idem*, 200-201).

[10] *Vide* "The Moral Basis of Socialism", de Karl Pearson, onde o socialismo é definido principalmente pelo dever moral dos indivíduos de trabalhar para a comunidade e pela colectivização da produção (1901: 301-329).

[11] Wells rejeita o "disparate sobre Celtas e Germânicos" alimentado pela "intoxicação da Renascença Celta" (Wells, 1902: 218).

[12] "O apuro científico não implica, contudo, anarquia ou a ausência de lei que governe. Os seus métodos repudiam o princípio do *laissez-faire* em todas as áreas da vida, pela seguinte razão: as nossas faculdades adquiridas e o nosso conhecimento acumulado tornam impossível uma atitude negativa ou inerte. Somos, numa época de evolução consciente, impelidos a tomar medidas favoráveis ao progresso" (Clapperton, 1904: 166).

[13] James Standish O'Grady, em *The Queen of the World or Under the Tyranny*, descreve, de forma semelhante, o grande conflito do século seguinte como opondo os povos inglês e chinês (1900: 181).

[14] C. P. Blacker, em *Eugenics, Galton and After* (1952), enfatiza que Galton usa "racial" como sinónimo de "congénito" ou "genético".

[15] Havelock Ellis, por exemplo, escreveu que "os nossos ideais práticos, que têm florescido desde há um século, brotaram da grande Revolução Francesa e foram inspirados pela máxima dessa Revolução, como formulada por Rousseau, de que 'Todos os homens nascem iguais'. Essa máxima foi derrubada há meio século; o grande movimento biológico da ciência, iniciado por Darwin, mostrou-a insustentável. Os homens não nascem todos iguais. Há concordância total quanto a isso neste momento" (Ellis, 1940: 4).

[16] As perspectivas de Greg eram bem conhecidas tanto de Darwin, que reconhecidamente influenciaram, como de Galton.

[17] A obra de referência sobre este período, que enfatiza a mudança da "utopia" para a "anti-utopia" na época, não discute nem Galton nem a eugenia (vide Kumar, 1987).

[18] A defesa da continuação desta visão da eugenia é delineada em Smith, 1965: 150-168.

>>

BIBLIOGRAFIA

[Armstrong, Charles Wicksteed] Strongitharm, Charles (1892), *The Yord of Northmen, or, The Fate of the English Race: Being the Romance of a Monarchical Utopia*, London.

Besant, Walter (1888), *The Inner House*, London.

Blacker, C. P. (1952), *Eugenics, Galton and After*, London, Gerald Duckworth.

Carpenter, Edward (1889), *Civilisation: Its Cause and Cure*, London.

Carpenter, Edward (1897), *Forecasts of the Coming Century*, Manchester, The Labour Press.

Clapperton, Jane Hume (1885), *Scientific Meliorism and the Evolution of Happiness*, London.

-- (1904), *A Vision of the Future*, London, S. Sonnenschein.

Claeys, Gregory (2000), " 'Survival of the Fittest' and the Origins of Social Darwinism", *Journal of the History of Ideas*, vol. 16, pp. 223-240.

Corbett, George (1888), *New Amazonia: A Foretaste of the Future*, London.

[Davis, E. J.] (1875), *Pyrra: A Commune; or, Under the Ice*, London.

Ellis, Havelock (1900), *The Nineteenth Century: A Dialogue in Utopia*, London, Grant Richards.

— (1940), *Morals, Manners and Men*, [s/l], Watts.

Follingsby, Kenneth (1892), *Meda*, H. F. Mitchell.

Galton, Francis (1869), *Hereditary Genius*, London.

— (1873), "Hereditary Improvement", *Fraser's Magazine* 7, pp. 116-130.

— (1889), *Natural Inheritance*, [s/l].

— (1907), *Inquiries into the Human Faculty and its Development*, London, Dent [1883]

— (1909), *Essays in Eugenics*, London, The Eugenics Education Society.

— (1909a), "Segregation", *The Problem of the Feeble-Minded*, London, P. S. King, pp. 81-85.

Greg, W. R. (1872), *Enigmas of Life*, London.

— (1877), "The Doom of the Negro Race", *Literary and Social Judgements*, (2 vols.), vol. 2., London, pp. 117-182.

Hay, William (1881), *Three Hundred Years Hence*, London.

Hobhouse, L. T. (1924), *Social Development*, London, George Allen and Unwin.

Kumar, Krishan (1987), *Utopia and Anti-Utopia in Modern Times*, Oxford, Basil Blackwell.

Lankester, E. Ray (1880), *Degeneration: A Chapter in Darwinism*, London.

Mallock, W. H. (1898), *Aristocracy and Evolution*, London.

Morgan, John Edward (1866), *The Danger of Degeneration of Race From the Too Rapid Increase of the Great Cities*, London.

[O'Grady, Standish James] (1900), *The Queen of the World or Under the Tyranny*, London.

Pearson, Karl (1897), *The Chances of Death, and Other Studies in Evolution*, 2 vols.

— (1901), "The Moral Basis of Socialism", 2ª edição, reimpresso em *The Ethic of Freethought and Other Addresses and Essays*, London, A. and C. Black, pp. 301-329.

-- (1912), *Social Problems: Their Treatment, Past, Present, and Future*, London, Cambridge UP.

-- (1914), *The Life, Letters and Labours of Francis Galton*, 4 vols., Cambridge, Cambridge University Press.

Rustoff, Michael (1891), *What Will Mrs Grundy Say? Or, A Calamity on Two Legs (A Book for Men)*, London.

Sedgwick, A., et al. (1901), *The 19th Century: A Review of Progress*, London, G. P. Putnam.

Smith, John Maynard (1965), "Eugenics and Utopia", in Frank E. Manuel (ed.), *Utopias and Utopian Thought*, Boston, Beacon Press, pp. 150-168.

>>

Spring, Summer (1905), *Backwards and Forwards*, London, H. J. Glaisher.

Trollope, Anthony (1882), *The Fixed Period*, (2 vols.), vol.1., London.

Wallace, A. R. (1898), *The Wonderful Century: Its Successes and Failures*, London, Swan Sonnenchein.

Wells, H. G. (1902), *Anticipations of the Reaction of Mechanical and Scientific Progress upon Human Life*, London, Chapman & Hall.

-- (1903), *Mankind in the Making*, London, Chapman & Hall.

-- (s/d), *A Modern Utopia*, London, Collins.

White, Arnold (1895), *Problems of a Great City*, London.

-- (1901), *Efficiency and Empire*, London, Methuen & co.

